

O EVANGELHO MALTRAPILHO

*Brennan Manning*

# O Evangelho Maltrapilho

Brennan Manning

Digitalizado por Alicinha  
Colaboração na revisão: Amigo Anônimo



[www.semeadores.net](http://www.semeadores.net)

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

## Sumário

Apresentação.....	4
Agradecimentos.....	5
Uma Palavrinha antes de começar.....	5
CAPÍTULO UM: Alguma coisa está muito errada .....	7
CAPÍTULO DOIS: Majestosa Monotonia .....	16
CAPÍTULO TRÊS: O evangelho maltrapilho.....	25
CAPÍTULO QUATRO: Auréolas tortas .....	36
CAPÍTULO CINCO: Biguás e Gaivotas .....	44
CAPÍTULO SEIS: Grazie Signore.....	53
CAPÍTULO SETE: Bijuterias e pastéis de vento .....	63
CAPÍTULO OITO: Liberdade do medo .....	72
CAPÍTULO NOVE: O Segundo Chamado.....	81
CAPÍTULO DEZ: O manquejar vitorioso .....	89
CAPÍTULO ONZE: Um toque de desatino.....	97
Uma palavrinha final.....	104
Dez anos depois.....	106

## O EVANGELHO MALTRAPILHO

CATEGORIA: ESPIRITUALIDADE / VIDA CRISTÃ  
Copyright © 1990, 2000 por Brennan Manning  
Publicado originalmente por Multnomah Publishers, Oregon, EUA

*Título original:* The ragamuffin gospel  
*Tradução:* Paulo Purim  
*Coordenação editorial:* Silvia Justino  
*Colaboração:* Rofolfo Ortiz  
*Preparação de texto:* Rodolfo Ortiz  
*Revisão:* Theófilo Vieira  
*Supervisão de produção:* Lilian Melo  
*Capa:* Douglas Lucas

TEXTUS – Uma divisão da Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manning, Brennan O Evangelho maltrapilho / Brennan Manning; traduzido por Paulo Purim. — São Paulo: Mundo Cristão, 2005.  Título original: The ragamuffin gospel. Bibliografia. ISBN 85-7325-422-X  1. Deus – Amor 2. Vida cristã I. Título.  05-6891 CDD-261.8325
--

### Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade: Pessoas dilapidadas, derrotadas e exauridas: Cristianismo 261.8325  
Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:  
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79 – CEP 04810-020 – São Paulo – SP – Brasil  
Telefone: (11) 5668-1700 – Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em outubro de 2005, com uma tiragem de 5.200 exemplares.

# APRESENTAÇÃO

Em julho de 2005, a Editora Mundo Cristão promoveu um café da manhã para escritores. Estavam à mesa Philip Yancey, Renato Fleischner e alguns escritores brasileiros. Então perguntei ao Philip quem era o autor contemporâneo de maior profundidade que ele conhecia. Ele respondeu de pronto: Brennan Manning. Renato, que estava ao lado, nos disse que a Editora Mundo Cristão iria publicar um de seus livros: *O evangelho maltrapilho* e, virando-se para mim, perguntou se eu gostaria de fazer a apresentação. Dias depois, chegaram-me às mãos os originais traduzidos do livro.

Quando comecei a ler *O evangelho maltrapilho*, não consegui parar. A cada página, verdades profundas do evangelho, que intuitivamente eu já conhecia, eram clarificadas, e não só faziam sentido como tocavam-me o coração.

Este é um daqueles raros livros que ajudam a corrigir os rumos de nossa peregrinação interior, desconstruindo a imagem internalizada de um Deus severo, para encontrarmos o Deus da graça e do amor. Face ao amor incondicional de Deus, podemos também desconstruir a imagem enganosa que temos de nós mesmos, baseada na justiça própria, para encontrar nosso verdadeiro eu: pecador, fraco, carente.

Amparados nesta verdade, somos encorajados a viver e aprofundar cada vez mais a realidade última que nos revelam as Escrituras: somos pecadores amados por Deus, que nos fez seus filhos. Brennan nos ajuda a penetrar no mistério do amor de Deus: incondicional, irretribuível, imerecido. Assim, somos levados a experimentar e desfrutar do terno, doce e bendito acolhimento do Amante.

Num momento em que se enfatiza uma conversão posicionai, superficial e utilitária, *O evangelho maltrapilho* nos ajuda a fazer uma entrega a Deus sem condições, para sermos tomados pelo poder de sua eterna afeição.

Li este livro saboreando suas palavras; parei em alguns parágrafos, que ficaram sublinhados no texto. Parei porque alguns deles visitaram e fortaleceram-me o coração. Quando isto aconteceu, meu movimento natural foi o de ir às Sagradas Escrituras e ler com calma os textos mencionados para, então, reencontrar esta Palavra Viva que se move em nós, opera em nós, realiza em nós e gera em nós. Opera o quê? Realiza o quê? Gera o quê? Sim, uma indizível alegria de viver e desfrutar a maravilhosa segurança da presença de Deus, experimentando no fundo da alma sua salvação e seu amor incondicional e o desejo de compartilhar este amor com o próximo.

É isto: o Evangelho é o anúncio de uma grande, absoluta e eterna afeição. O anúncio de que o Deus Altíssimo, criador dos céus e da terra, ama apaixonadamente a humanidade perdida e confusa.

E para ler com o coração e os afetos. Boa leitura!

OSMAR LUDOVICO DA SILVA

# AGRADECIMENTOS

Evelyn Underhill disse: "A leitura espiritual só é (ou, pelo menos, pode ser) superada pela oração no sentido de desenvolver um suporte para a vida interior". E em A mensagem *dos Wesleys* lê-se a contundente frase: "Não é possível que as pessoas cresçam na graça sem que se entreguem à leitura". Com certeza um Deus gracioso supre os analfabetos de outras maneiras, mas, para muitos de nós, as Escrituras e as diversas leituras espirituais guiam-nos a uma compreensão mais profunda da verdade que nos liberta.

Humildemente e com alegria quero expressar minha gratidão a diversos escritores cristãos aos quais recorri para uma percepção mais profunda sobre Jesus Cristo e do evangelho da graça: Edward Schillebeeckx, Walter Burghardt, Hans Küng, Donald McCullough, Leonard Foley, Eugene Kennedy, Albert Nolan, Jaroslav Pelikan, Sean Caulfield, Anthony De Mello, Lloyd Ogilvie e outros citados nestas páginas.

Minha dívida mais profunda é para com Roslyn, por SUA crítica honesta e franca ao meu trabalho. Ela nunca hesitou em me dizer quando o texto estava insensível, enganoso ou disparatado.

Finalmente, meu obrigado a John Van Diest e Liz Heaney, da Mulrnomah, cujo entusiasmo diante das primeiras páginas deste livro inflamou o desejo de finalizá-lo.

## UMA PALAVRINHA ANTES DE COMEÇAR

*O evangelho maltrapilho* foi escrito com um público leitor específico em mente. Este livro não é para os superespirituais.

Não é para os cristãos musculosos que têm John Wayne como herói, e não a Jesus.

Não é para acadêmicos que aprisionam Jesus na torre de marfim da exegese.

Não é para gente barulhenta e bonachona que manipula o cristianismo a ponto de torná-lo um simples apelo ao emocionalismo.

Não é para os místicos de capuz que querem mágica na sua religião.

Não é para os cristãos "aleluia", que vivem apenas no alto da montanha e nunca visitaram o vale da desolação.

Não é para os destemidos que nunca derramaram lágrimas.

Não é para os zelotes ardentes que se gabam com o jovem rico dos Evangelhos: "Guardo todos esses mandamentos desde a minha juventude".

Não é para os complacentes, que ostentam sobre os ombros um sacolão de honras, diplomas e boas obras, crendo que efetivamente chegaram lá.

Não é para os legalistas, que preferem entregar o controle da alma a regras a viver em união com Jesus.

*O evangelho maltrapilho* foi escrito para os dilapidados, os derrotados e os exauridos.

Ele é para os sobrecarregados que vivem ainda mudando o peso da mala pesada de uma mão para a outra.

E para os vacilantes e de joelhos fracos, que sabem que não se bastam de forma alguma e são orgulhosos demais para aceitar a esmola da graça admirável.

E para os discípulos inconsistentes e instáveis cuja azeitona vive caindo para fora da empada.

E para homens e mulheres pobres, fracos e pecaminosos com falhas hereditárias e talentos limitados.

E para os vasos de barro que arrastam pés de argila.

E para os recurvados e contundidos que sentem que sua vida é um grave desapontamento para Deus.

E para gente inteligente que sabe que é estúpida, e para discípulos honestos que admitem que são canalhas.

O *evangelho maltrapilho* é um livro que escrevi para mim mesmo e para quem quer que tenha ficado cansado e desencorajado ao longo do Caminho.

BRENNAN MANNING  
**Nova Orleans**

# ALGUMA COISA ESTÁ MUITO ERRADA

Em uma noite tempestuosa de outubro, numa igreja nos arredores de Mineápolis, centenas de cristãos se reuniram para um seminário de três dias. Comecei com uma apresentação de uma hora sobre o evangelho da graça e a realidade da salvação. Usando a Escritura, histórias, simbolismo e experiência pessoal, enfoquei a completa suficiência da obra redentora de Jesus Cristo no Calvário. O culto terminou com um cântico e uma oração. Deixando a igreja por uma porta lateral, o pastor e seu auxiliar espumavam de raiva.

— *Humph*, aquele cabeça-oca não disse nada sobre o que temos de fazer para ganhar a salvação! — disse o pastor.

— Alguma coisa está muito errada — disse o auxiliar em tom de concordância.

Dobrando-se aos poderes deste mundo, a mente deformou o evangelho da graça em cativo religioso e distorceu a imagem de Deus à forma de um guarda-livros eterno e cabeça-dura. A comunidade cristã lembra uma bolsa de obras de Wall Street, na qual a elite é honrada e os comuns ignorados. O amor é reprimido, a liberdade acorrentada e o cinto de segurança da justiça-própria devidamente apertado. A igreja institucional tornou-se alguém que inflige feridas nos que curam, em vez de ser alguém que cura os feridos.

Dito sem rodeios: a igreja evangélica dos nossos dias aceita a graça na teoria, mas nega-a na prática. Dizemos acreditar que a estrutura mais fundamental da realidade é a graça, não as obras — mas nossa vida refuta a nossa fé. De modo geral o evangelho da graça não é proclamado, nem compreendido, nem vivido. Um número grande demais de cristãos vive na casa do temor e não na casa do amor.

Nossa cultura tornou a palavra *graça* impossível de compreender. Repercutimos frases de efeito como: "Nesta vida nada é de graça". "Cada um acaba ganhando o que merece". "Quer dinheiro? Vá trabalhar". "Quer amor? Faça por merecer". "Quer misericórdia? Mostre que é digno dela". "Faça aos outros antes que lhe façam".

"Observe as filas nos órgãos assistenciais, os mendigos preguiçosos nas ruas, a merenda grátis nas escolas, os estudantes ricos com bolsas do governo: só os trapaceiros se dão bem".

"Sem dúvida, dê a cada um o que merece — e nem um centavo a mais".

Minha editora na Revell contou-me que ouviu certa vez um pastor dizendo a uma criança: "Deus ama os bons meninos". A medida que ouço sermões com ênfase definida no esforço pessoal — toma lá, dá cá — fico com a impressão que uma espiritualidade "faça-você-mesmo" é a nova onda americana.

Embora as Escrituras insistam que é de Deus a iniciativa na obra da salvação — que pela graça somos salvos, que é o Formidável Amante quem toma a iniciativa — freqüentemente nossa espiritualidade começa no eu, não em Deus. A responsabilidade pessoal substituiu a resposta pessoal. Falamos sobre adquirir a virtude como se ela fosse uma habilidade que pudesse ser desenvolvida, como uma bela caligrafia ou um bom gingado numa tacada de golfe.

Nas épocas de penitência, nosso foco é superar nossas fraquezas, livrarmo-nos de nossos entraves e alcançarmos a maturidade cristã. Transpiramos debaixo de diversos exercícios espirituais como se eles fossem concebidos para produzir um

Mister Universo cristão.

Embora algum elogio nominal seja dirigido ao evangelho da graça, muitos cristãos vivem como se fossem apenas a sua disciplina pessoal e sua autonegação que deverão moldar o perfeito eu. A ênfase é no que eu estou fazendo em vez de no que Deus está fazendo. Nesse processo curioso, Deus é um espectador velhinho e benigno que está ali para torcer quando compareço para minha meditação matinal. Transferimos a lenda de Horatio Alger<sup>1</sup> sobre o homem que venceu pelos seus próprios esforços, o *self-made man*, para nosso relacionamento com Deus. Quando lemos no salmo 123: "Como os olhos dos servos estão fitos nas mãos dos seus senhores, e os olhos da serva, na mão de sua senhora", experimentamos uma vaga sensação de culpa existencial. Nossos olhos não estão fitos em Deus. No fundo somos pelagianos<sup>2</sup> praticantes. Cremos que somos capazes de nos erguermos do chão puxando nossos próprios cadarços – que somos, de fato, capazes de fazê-lo sozinhos.

Mais cedo ou mais tarde somos confrontados com a dolorosa verdade da nossa inadequação e da nossa insuficiência. Nossa segurança é esmagada e nossos cadarços, cortados. Uma vez que o fervor passa, a fraqueza e a infidelidade aparecem. Descobrimos nossa incapacidade de acrescentar uma polegada que seja a nossa estatura espiritual. Começa então um longo inverno de descontentamento que, eventualmente, floresce em depressão, pessimismo e um desespero sutil: sutil porque permanece não-diagnosticado e não-percebido, e, portanto, não-confrontado. Ela assume a forma de tédio e trabalho forçado. Somos esmagados pela normalidade da vida, pelas tarefas diárias executadas à exaustão.

Secretamente admitimos que o chamado de Jesus é exigente demais, que a entrega ao Espírito Santo está além do nosso alcance. Passamos a agir como todo mundo. A vida assume uma qualidade vazia e desprovida de contentamento. Começamos a lembrar o personagem principal na peça de Eugene O'Neill *O Grande Deus Brown*: "Por que tenho medo de dançar, eu que amo a música e o ritmo e a graça e a canção e o riso? Por que tenho medo de viver, eu que amo a vida e a beleza da carne e as cores vivas da terra e o céu e o mar? Por que tenho medo de amar, eu que amo o amor?".

Algo está muito errado.

Nosso afã de impressionar a Deus, nossa luta pelos méritos de estrelas douradas, nossa afobação por tentar consertar a nós mesmos ao mesmo tempo em que escondemos nossa mesquinha e chafurdamos na culpa são repugnantes para Deus e uma negação aberta do evangelho da graça.

Nossa abordagem da vida cristã é tão absurda quanto o jovem que depois de receber a sua licença de encanador foi levado para ver as cataratas do Niágara. Ele estudou-as por um minuto e depois disse: "Acho que tenho como consertar isso".<sup>3</sup>

A palavra *graça*, em si, tornou-se banal e desgastada pelo mau uso e pelo uso em excesso. Ela não mexe conosco da mesma forma que mexia com nossos ancestrais cristãos. Em alguns países europeus, certos oficiais eclesiásticos de alto escalão são ainda chamados de "Sua Graça". Jornalistas esportivos falam da "graça fluente" de Michael Jordan, e já foi dito do empreendedor Donald Trump que ele "carece de graça". Surge um novo perfume com o rótulo "Graça", e um boletim de estudante é chamado de "desgraça". A palavra perdeu o seu poder criativo latente.

Fyodor Dostoievski capturou o choque e o escândalo do evangelho da graça

<sup>1</sup> Autor americano que escreveu entre 1860 e 1899 dezenas de romances populares sobre meninos pobres que alcançavam a respeitabilidade através de engenhosidade e de trabalho duro. (N. do T)

<sup>2</sup> Seguidores de Pelágio (c. 400 d.C.), que colocava o livre-arbítrio humano acima da iniciativa de Deus e ensinava que cada cristão deveria conquistar a salvação pela conduta meritória voluntária. (N. do T)

<sup>3</sup> Anthony de MELLO. *Taking flight: a book of story meditations*. Nova York: Doubleday, 1988, p. 105.

quando escreveu: "No último julgamento Cristo nos dirá: 'Vinde, vós também! Vinde, bêbados! Vinde, vacilantes! Vinde, filhos do opróbrio!' E dir-nos-á: 'Seres vis, vós que sois à imagem da besta e trazem a sua marca, vinde porém da mesma forma, vós também!' E os sábios e prudentes dirão: 'Senhor, por que os acolhes?' E ele dirá: 'Se os acolho, homens sábios, se os acolho, homens prudentes, é porque nenhum deles foi jamais julgado digno\*. E ele estenderá os seus braços, e cairemos a seus pés, e choraremos e soluçaremos, e então compreenderemos tudo, compreenderemos o evangelho da graça! Senhor, venha o teu reino!'"<sup>4</sup>

Creio que a Reforma realmente começou no dia em que Martinho Lutero orou sobre o significado das palavras de Paulo em Romanos 1:17: "visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé". Como muitos cristãos dos nossos dias, Lutero se debatia noite adentro com a questão fundamental: de que forma o evangelho de Cristo podia ser realmente chamado de "Boa Nova" se Deus é um juiz justo que retribui aos bons e pune os perversos? Será que Jesus veio realmente revelar essa terrível mensagem? De que forma a revelação de Deus em Cristo Jesus podia ser acuradamente chamada de "Nova", já que o Antigo Testamento defendia o mesmo tema, ou de "Boa", com a ameaça de punição suspensa como uma nuvem escura sobre o vale da história?

Porém, como observa Jaroslav Pelikan: "Lutero repentinamente chegou à percepção de que a "justiça de Deus" da qual Paulo falava nessa passagem não era a justiça pela qual Deus era justo em si mesmo (que seria uma forma passiva de justiça), mas a justiça pela qual, por causa de Jesus Cristo, Deus tornou justos pecadores (isto é, justiça ativa) através do perdão dos pecados na justificação. Quando descobriu isso, Lutero afirmou que os próprios portões do Paraíso haviam-se aberto para ele."<sup>5</sup>

Que verdade atordoante!

"Justificação pela graça mediante a fé" é a frase erudita dos teólogos para o que Chesterton chamou certa vez de "amor selvagem de Deus". Ele não é instável nem caprichoso; não conhece épocas de mudança. Deus tem um único posicionamento inflexível com relação a nós: ele nos ama. Ele é o único Deus jamais conhecido pelo homem que ama os pecadores. Falsos deuses — criados pelos homens — desprezam os pecadores, mas o Pai de Jesus ama a todos, não importa o que façam. Isso é naturalmente incrível demais para aceitar. No entanto, a afirmação central da Reforma permanece: não por qualquer mérito nosso, mas pela sua bondade, tivemos nosso relacionamento restaurado com Deus através da vida, da morte e da ressurreição do seu amado Filho. Essa é a boa nova, o evangelho da graça.

Com sua característica *joie de vivre*, Robert Capon coloca da seguinte forma: "A Reforma foi uma ocasião em que os homens ficaram cegos, embriagados por descobrir, no porão empoeirado do medievalismo tardio, uma adega repleta de graça envelhecida mil e quinhentos anos, com teor alcoólico 100% —garrafa após garrafa de pura Escritura destilada, um gole da qual bastava para convencer qualquer um de que Deus nos salva sem precisar de ajuda. A palavra do evangelho — depois de todos aqueles séculos de tentar elevar-se ao céu preocupando-se com a perfeição de seus cadarços — tornou-se repentinamente um anúncio direto de que os salvos já estavam em casa mesmo antes de começarem (...) A graça deve ser bebida pura:

---

<sup>4</sup> Fyodor DOSTOIEVSKI. *Crime and punishment [Crime e castigo]*. Nova York: Randon House, 1950, p. 322. [Publicado em língua portuguesa por várias editoras.]

<sup>5</sup> Jaroslav PELIKAN. *Jesus through the centuries, his place in history of culture*. Nova Haven: Yale University Press, 1985, p. 158. Esta é uma obra de vasta e cuidadosamente ocultada erudição que investiga a figura de Jesus dos tempos do Novo Testamento até o século XX. Pelikan sugere que o retrato de Jesus em determinada época constitui uma chave essencial para compreender aquele período. Os últimos capítulos do livro mostram que "à medida que o respeito pela igreja organizada declinou, a reverência por Jesus cresceu".

sem água, sem gelo, e seguramente sem água tônica; não se permite que nem bondade, nem maldade, nem as flores que desabrocham na primavera da superespiritualidade entrem no preparado".<sup>6</sup>

Mateus 9:9-13 captura um adorável vislumbre do evangelho da graça:

Jesus saiu dali e, no caminho, viu um cobrador de impostos, chamado Mateus, sentado no lugar onde os impostos eram pagos. Jesus lhe disse: — Venha comigo. Mateus se levantou e foi com ele. Mais tarde, enquanto Jesus estava jantando na casa de Mateus, muitos cobradores de impostos e outras pessoas de má fama chegaram e sentaram-se à mesa com Jesus e os seus discípulos. Alguns fariseus viram isso e perguntaram aos discípulos: — Por que *é* que o mestre de vocês come com os cobradores de impostos e com outras pessoas de má fama? Jesus ouviu a pergunta e respondeu: — Os que têm saúde não precisam de médico, mas sim os doentes. Vão e procurem entender o que quer dizer este trecho das Escrituras Sagradas: "Eu quero que as pessoas sejam bondosas e não que me ofereçam sacrifícios de animais". Porque eu vim para chamar os pecadores e não os bons (NTLH).

Eis aqui uma revelação fulgurante como a estrela da manhã: Jesus veio para os pecadores, para aqueles tão marginalizados quanto cobradores de impostos e para os enredados em escolhas sórdidas e sonhos desfeitos. Ele vem para executivos de corporações, sem-teto, superastros, fazendeiros, prostitutas, viciados, fiscais do Imposto de Renda, vítimas da AIDS e até mesmo vendedores de carros usados. Jesus não apenas conversa com essa gente, mas janta com eles — plenamente consciente de que sua comunhão à mesa com pecadores fará erguer as sobrelhas dos burocratas religiosos que ostentam seus paramentos e a insígnia da sua autoridade para justificar a sua condenação à verdade e sua rejeição ao evangelho da graça.

Essa passagem deveria ser lida, relida e memorizada. Toda geração cristã tenta minimizar o cegante fulgor do seu significado, porque o evangelho fica parecendo bom demais para ser verdade. Pensamos que a salvação pertence aos decentes e piedosos, àqueles que permanecem a uma distância segura dos becos da existência, cacarejando seus julgamentos sobre aqueles que a vida maculou. Em nome da graça, qual tem sido o veredicto da comunidade cristã sobre a vida maculada do falecido Rock Hudson? À revelação (apesar dos 4,5 milhões de dólares que ficaram para seu amante Mare Christian) de que ele chamou um sacerdote no seu leito de morte, confessou seus pecados e clamou a Deus por perdão?

Jesus, que perdoou os pecados do paralisado, reivindicando dessa forma autoridade divina, anuncia que convidou pecadores, e não os de justiça-própria, para sua mesa. O verbo grego usado aqui, *kalein*, tem o sentido de chamar um convidado honrado para jantar.

Jesus afirma, com efeito, que o Reino de seu Pai não é uma subdivisão para os justos nem para os que sentem possuir o segredo de Estado da salvação. O Reino não é um condomínio fechado elegante com regras esnobes a respeito de quem pode viver ali dentro. Não; ele é para um elenco mais numeroso de pessoas, mais rústico e menos exigente, que compreendem que são pecadores porque já experimentaram o efeito nauseante da luta moral.

São esses os pecadores-convidados chamados por Jesus para se aproximarem com ele ao redor da mesa de banquete. Essa história permanece perturbadora para aqueles que não compreendem que homens e mulheres que são verdadeiramente preenchidos com a luz são aqueles

---

<sup>6</sup> Robert Farrar CAPON. *Between noon and three*. San Francisco: Harper & Row, 1982, p. 114,5, citado em Donald W. McCULLOUGH, *Waking from the American Dream*. Downers Grove: InterVarsity, 1988.

que fitaram profundamente as trevas da sua existência imperfeita. Talvez tenha sido depois de meditar sobre essa passagem que Morton Kelsey escreveu: "A Igreja não é um museu para santos, mas um hospital para pecadores".

A Boa Nova significa que podemos parar de mentir a nós mesmos. O doce som da graça admirável nos salva da necessidade do auto-engano. Ele nos impede de negar que, embora Cristo tenha sido vitorioso, a batalha contra a lascívia, a cobiça e o orgulho ainda ecoa dentro de nós. Na condição de pecador redimido, posso reconhecer com qual frequência sou insensível, irritável, exasperado e rancoroso com os que me são mais próximos. Quando vou à igreja, posso deixar meu chapéu branco em casa e admitir que falhei. Deus não apenas me ama como eu sou, mas também me conhece como sou. Por causa disso não preciso aplicar maquiagem espiritual para fazer-me aceitável diante dele. Posso reconhecer a posse de minha miséria, impotência e carência.

Como escreveu E. S. Lewis em *The four loves [Os quatro amores]*: "A graça reserva aceitação completa, pueril e satisfeita da nossa necessidade, uma alegria na dependência total. O homem bom sente pesar pelos pecados que fizeram com que sua necessidade aumentasse, mas não se sente inteiramente pesaroso pela nova necessidade que eles produziram".

Quando o evangelho da graça toma conta de nós, algo passa a estar muito certo. Vivemos na verdade e na realidade. Tornamo-nos honestos como o sacerdote de noventa e dois anos que era venerado por todos na cidade devido a sua santidade. Ele era também membro do Rotary: a cada reunião do clube ele estava presente, sempre no horário e sempre sentado no seu lugar favorito num canto do salão.

Um dia o sacerdote sumiu. Era como se tivesse desaparecido em pleno ar. As pessoas da cidadezinha procuraram em todo lugar, sem encontrar qualquer sinal dele. No mês seguinte, porém, no encontro do Rotary, ele estava ali sentado no seu cantinho usual.

— Padre! — todos gritaram. — Onde o senhor esteve?  
— Acabei de cumprir uma sentença de trinta dias na prisão.  
— Na prisão? — eles gritaram. — Padre, o senhor não seria capaz de ferir uma mosca. O que aconteceu?  
— É uma longa história — disse o sacerdote, — mas, para resumir, eis o que aconteceu. Comprei um bilhete para ir à cidade. Eu estava na plataforma esperando o trem chegar quando chegou uma jovem muito atraente conduzida pelo braço por um policial. Ela olhou para mim, virou-se para o policial e disse: "Foi ele sim. Tenho certeza que foi ele". Bom, para dizer a verdade, fiquei tão lisonjeado que me declarei culpado.<sup>7</sup>

Há um toque de vaidade nos mais santos dos homens e mulheres. Não há razão para negar. E eles sabem que a realidade morde, se não for respeitada.

Quando sou honesto, admito que sou um amontoado de paradoxos. Creio e duvido, tenho esperança e sinto-me desencorajado, amo e odeio, sinto-me mal quando me sinto bem, sinto-me culpado por não me sentir culpado. Sou confiante e desconfiado. Honesto e ainda assim insincero. Aristóteles *diz* que sou um animal racional; eu diria que sou um anjo com um incrível potencial para cerveja.

Viver pela graça significa reconhecer toda a história da minha vida, o lado bom e o ruim. Ao admitir o meu lado escuro, aprendo quem sou e o que a graça de Deus significa. Como colocou Thomas Merton: "Um santo não é alguém bom, mas alguém que experimenta a bondade de Deus".

O evangelho da graça nulifica a nossa adulação aos televangelistas, superastros carismáticos e heróis da igreja local. Ele oblitera a teoria de duas classes de

---

<sup>7</sup> Anthony de MELLO. Op. cit., p. 113,4.

cidadania que opera em muitas igrejas americanas. Pois a graça proclama a assombrosa verdade de que tudo é de presente. Tudo de bom é nosso não por direito, mas meramente pela liberalidade de um Deus gracioso. Embora haja muito que podemos ter feito por merecer — nosso diploma e nosso salário, nossa casa e nosso jardim, uma garrafa de boa cerveja e uma noite de sono caprichada — tudo é possível apenas porque nos foi dado tanto: a própria vida, olhos para ver e mãos para tocar, mente para formar idéias e coração para bater com amor. A nós foram-nos dados Deus em nossa alma e Cristo na nossa carne. Temos o poder de crer quando outros negam; de ter esperança quando outros desistem; de amar quando outros ferem. Isso e muito mais é pura e simplesmente de presente; não é recompensa a nossa fidelidade, a nossa disposição generosa, a nossa vida heróica de oração. Até mesmo nossa fidelidade é um presente. "Se nos voltamos para Deus", disse Agostinho, "até mesmo isso é um presente de Deus". Minha consciência mais profunda a respeito de mim mesmo é de que sou profundamente amado por Jesus Cristo e não fiz nada para consegui-lo ou merecê-lo.

No meu ministério como evangelista errante, tenho louvado determinados santos e cristãos contemporâneos, falando de a que custo eles pelejaram para suplantar homens e mulheres de menor envergadura. Ó Deus, quanta loucura preguei nesses sermões! A Boa Nova do evangelho da graça grita em voz alta: somos todos mendigos, igualmente privilegiados, mas não-merecedores, às portas da misericórdia de Deus!

Além disso, como observa Henri Nouwen, a maior parte da obra de Deus no mundo talvez passe despercebida. Há uma série de pessoas que ficaram famosas e amplamente conhecidas pelos seus ministérios, mas grande parte da atividade salvífica de Deus na nossa história pode permanecer ainda completamente desconhecida. Este é um mistério difícil de apreender numa era que atribui tamanha importância à publicidade. Temos a tendência de pensar que quanto mais pessoas sabem e falam a respeito de alguma coisa, mais importante ela deve ser.

Em Lucas 18 um jovem rico vem até Jesus perguntando o que ele deve *fazer* para herdar a vida eterna. Ele quer ser colocado no centro das atenções. Não é coincidência que Lucas coloca a passagem de Jesus com as crianças nos versículos que imediatamente precedem a história do jovem aristocrata. As crianças contrastam com o homem rico simplesmente porque não há como discutir elas terem sido capazes de merecer o que quer que seja. O ponto central de Jesus é o seguinte: não há coisa alguma que qualquer um de nós possa fazer para herdar o Reino. Devemos simplesmente recebê-lo como crianças. E crianças não fizeram ainda coisa alguma. O mundo do Novo Testamento não tem uma visão sentimental a respeito de crianças e não nutre qualquer ilusão sobre alguma bondade inata nelas. Jesus não está sugerindo que o céu é um imenso *playground*. As crianças são nosso modelo porque não têm qualquer pretensão ao céu. Se estão mais próximas de Deus é porque são incompetentes, não porque são inocentes. Se recebem alguma coisa, tem de ser de presente.

Paulo escreve em Efésios: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (2:8,9).

Se tomássemos hoje uma amostra aleatória de mil cristãos americanos, a maioria definiria a fé como a crença na existência de Deus. Em tempos antigos não se exigia fé para crer que Deus existe quase todo mundo aceitava-o como ponto pacífico. Mais corretamente, a fé dizia respeito ao relacionamento da pessoa com Deus se a pessoa confiava em Deus. A diferença entre fé como "a crença em algo que pode ou não existir" e fé como "confiar em Deus" é tremenda. A primeira é questão da mente; a segunda, do coração. A primeira pode nos deixar inalterado; a

segunda, intrinsecamente, traz mudança.<sup>8</sup>

Essa é a fé descrita por Paul Tillich em sua famosa obra *The shaking of the foundations*: "A graça nos atinge quando estamos em grande dor e desassossego. Ela nos atinge quando andamos pelo vale sombrio da falta de significado e de uma vida vazia... Ela nos atinge quando, ano após ano, a perfeição há muito esperada não aparece, quando as velhas compulsões reinam dentro de nós da mesma forma que têm feito há décadas, quando o desespero destrói toda alegria e coragem. Algumas vezes naquele momento uma onda de luz penetra nossas trevas, e é como se uma voz dissesse:

'Você é aceito. Você é aceito, aceito pelo que é maior do que você, o nome do qual você não conhece. Não pergunte pelo nome agora; talvez você descubra mais tarde. Não tente fazer coisa alguma agora; talvez mais tarde você faça bastante. Não busque nada, não realize nada, não planeje nada. Simplesmente aceite o fato de que você é aceito'. Se isso acontece conosco, experimentamos a graça".<sup>9</sup>

E a Graça diz em altos brados: você não é só um velho desiludido que vai morrer logo, uma mulher de meia-idade presa num emprego e querendo desesperadamente sair, um jovem sentindo esfriar o fogo do ventre. Você pode ser inseguro, inadequado, confuso ou barrigudo. A morte, o pânico, a depressão e a desilusão podem estar perto. Mas você não é só isso. Você é aceito. Nunca confunda sua percepção de você mesmo com o mistério de que você é realmente aceito.

Paulo escreve: "Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo" (2Co 12:9). Quaisquer que sejam as nossas falhas, não precisamos baixar os olhos na presença de Jesus. Ao contrário de Quasímodo, o corcunda de Notre Dame, não precisamos esconder tudo o que é feio e repulsivo em nós. Jesus vem não para o superespiritual, mas para o vacilante e o enfraquecido que sabem que não têm nada a oferecer, e que não são orgulhosos demais para aceitar a esmola da graça admirável. Ao olharmos para cima ficamos surpreendidos por encontrar os olhos de Jesus abertos em assombro, profundos em compreensão e gentis em compaixão.

Algo está muito errado quando a igreja local rejeita a pessoa que Jesus aceita; quando uma sentença dura, censuradora e implacável é passada aos homossexuais; quando se proíbe um divorciado de participar da ceia; quando o batismo é negado ao filho de uma prostituta; quando se negam os sacramentos a um sacerdote readmitido no ministério depois de uma exclusão. Jesus vem para os profanos, até mesmo no domingo de manhã. A sua vinda dá um fim ao que é profano em nós e nos faz dignos. De outro modo estamos estabelecendo no coração da cristandade uma preocupação completamente profana e indigna com as obras.

Jesus sentava-se à mesa com qualquer um que queria estar presente, inclusive os que eram banidos das casas decentes. Compartilhando da refeição eles recebiam consideração em vez da esperada condenação. Um perdão misericordioso em vez de um apressado veredicto de culpa. Graça admirável em vez de desgraça universal. Eis aqui uma demonstração muito prática da lei da graça — uma nova chance na vida.

Qualquer igreja que não aceite que é formada por homens e mulheres pecaminosos, e que existe para eles, rejeita implicitamente o evangelho da graça. Como diz Hans Küng: "Ela não merece nem a misericórdia de Deus nem a confiança dos homens. A igreja deve estar constantemente consciente de que sua fé é fraca, seu conhecimento incompleto, sua profissão de fé hesitante, de que não há um único pecado ou falha do qual ela não seja de um modo ou de outro culpada. E

<sup>8</sup> Marcus S. BORG, *Jesus. A new vision, spirit, culture and the life of discipleship*. Nova York: Harper & Row, 1987, p. 35.

<sup>9</sup> Paul TILLICH. *The shaking of the foundations*. Nova York: Scribner's, 1948, p. 161.2.

*embora seja verdade que a igreja deva sempre se dissociar do pecado, ela não pode jamais ostentar qualquer desculpa para manter qualquer pecador à distância. Se a igreja permanecer de modo farisaico distante dos fracassados, das pessoas irreligiosas e imorais, não pode entrar justificada no reino de Deus. Se, porém, permanecer constantemente conscientizada de sua culpa e de seu pecado, pode viver em jubilosa consciência do seu perdão.*

A promessa dada a ela é que qualquer um que se humilhar será exaltado<sup>10</sup>

Conta a história que um pecador notório foi excluído e proibido de entrar na igreja.

Ele levou as suas dores a Deus:

– Eles não me deixam entrar, Senhor, porque sou um pecador.  
– Do que é que você está reclamando? – Deus perguntou. – Eles também não me deixam entrar.

Com freqüência, mancando pelas portas da igreja no domingo de manhã, entra a graça de muletas – pecadores ainda incapazes de dispensar suas falsas escoras e de ficar em pé na liberdade dos filhos de Deus. Ainda assim, sua mera presença na igreja no domingo de manhã é uma vela bruxuleante que representa um desejo de manter contato com Deus. Apagar a vela é imergi-los num mundo de trevas espirituais.

Há um mito florescente na igreja de hoje que tem causado dano incalculável – a noção de que, uma vez convertido, convertido por inteiro. Em outras palavras, uma vez que aceito Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador, segue-se um futuro inevitável e livre de pecado. O discipulado será uma história imaculada de sucesso; a vida será uma espiral nunca interrompida de ascensão rumo à santidade. Diga isso ao pobre Pedro, que depois de professar por três vezes seu amor por Jesus na praia, e de receber a plenitude do Espírito no Pentecostes, tinha ainda inveja do sucesso apostólico de Paulo.

Com freqüência me perguntam; "Brennan, como é possível você ter se tornado um alcoólatra depois de ter sido salvo?" É possível porque eu me senti deprimido e amargurado pela solidão e pelo fracasso, porque me senti desencorajado, incerto, esmagado pela culpa e tirei meus olhos de Jesus. Porque meu encontro com Cristo não me transfigurou num anjo. Porque a justificação pela graça significa que meu relacionamento com Deus foi consertado, não que me tornei o equivalente a um paciente sedado em cima de uma mesa.

Desejamos uma espiritualidade permanentemente vigorosa, espiritualidade de caixa automática, e tentamos cultivar determinada virtude em determinado momento do tempo. Prudência em janeiro, humildade em fevereiro, bravura em março, temperança em abril. Provemos fichas de desempenho para avaliar ganhos e perdas. As perdas podem ser minimizadas se você contribuir para obras de caridade em maio. Algumas vezes maio nunca chega. Para muitos cristãos, a vida é um longo janeiro.

De acordo com uma antiga lenda cristã, um santo certa vez ajoelhou-se e orou:

– Caríssimo Deus, tenho um único desejo na vida. Dá-me a graça de jamais ofender-te novamente.

Quando ouviu isso, Deus começou a rir em voz alta.

– E o que todos pedem. Mas se eu concedesse essa graça a todos, me diga, quem restaria para eu perdoar?

Porque a salvação é pela graça através da fé, creio que entre a incontável multidão em pé diante do trono e do Cordeiro, trajando vestes brancas e trazendo

---

<sup>10</sup> Hans KÜNG. On *being a Christian*. Nova York: Doubleday, 1976, p. 507,8. Kung é um daqueles raros pensadores incapazes de pensamento superficial. Acho difícil declarar o valor e a importância deste livro na minha vida sem recorrer à hipérbole.

folhas de palmeira nas mãos (Ap 7:9), verei uma prostituta do *Kit'Kat Ranch* em Carson City, Nevada, que com lágrimas nos olhos disse-me que não tinha sido capaz de encontrar outro emprego para sustentar seu filho de dois anos e meio. Verei a mulher que fez um aborto e é assombrada pela culpa e pelo remorso, mas que fez o melhor que podia diante de alternativas cruéis; o homem de negócios assediado pelas dívidas que vendeu sua integridade numa série de transações desesperadas; o clérigo inseguro viciado em aprovação, que nunca desafiou sua congregação do púlpito e ansiava por amor incondicional; o adolescente que foi molestado pelo próprio pai e agora vende seu corpo nas ruas e que, antes de dormir a cada noite depois de seu último "michê", sussurra o nome do Deus desconhecido a respeito do qual ouviu na Escola Dominical; aquela pessoa que por décadas comeu e se lambuzou, quebrou cada lei de Deus e dos homens, chafurdou na lascívia e violentou a terra, e converteu-se no seu leito de morte.

"Mas como?", perguntamos. A voz então diz: "[Eles] lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro".

Ali estão eles. Ali estamos *nós* — a multidão que queria ser fiel, que foi por vezes derrotada, maculada pela vida e vencida pelas provações, trajando as roupas ensangüentadas pelas tribulações da vida, mas, diante de tudo isso, permaneceu apegada à fé.

Meus amigos, se isso não lhes parece boa nova, vocês nunca chegaram a compreender o evangelho da graça.

# MAJESTOSA MONOTONIA

*Sir* James Jeans, o famoso astrônomo britânico, disse certa vez: "O universo parece ter sido desenhado por um Matemático Puro". Joseph Campbell escreveu também sobre "a intuição de uma ordem cósmica, matematicamente definível".

Contemplando a ordem da Terra, do sistema solar e do universo estelar, cientistas e estudiosos concluíram que o Grande Projetista não deixou nada para o acaso.

A inclinação da Terra, por exemplo, de 23 graus, produz as nossas estações. Os cientistas dizem-nos que, se a Terra não tivesse a exata inclinação que tem, os vapores dos oceanos mover-se-iam para norte e sul, cobrindo os continentes de gelo.

Se a Lua estivesse a 80 mil quilômetros da Terra, em vez de 320 mil, as marés seriam tão enormes que todos os continentes seriam submergidos pela água – até mesmo as montanhas seriam afetadas pela erosão.

Se a crosta terrestre fosse apenas três metros mais grossa, não haveria oxigênio, e sem ele toda a vida animal morreria.

Se os oceanos fossem uns poucos metros mais profundos, o dióxido de carbono e o oxigênio teriam sido absorvidos e nenhuma vida vegetal poderia existir.

O peso da Terra foi estimado em seis sextilhões de toneladas (isso é um 6 seguido de 21 zeros). Ela tem, ainda assim, um equilíbrio perfeito e gira com facilidade no seu eixo. Ela revolve diariamente à razão de mais de 1.600 quilômetros por hora ou quarenta mil quilômetros por dia. Num ano isso dá mais de catorze milhões de quilômetros. Considerando o extraordinário peso de seis sextilhões de toneladas girando a essa fantástica velocidade ao redor do seu eixo invisível, as palavras de Jó 26:7 assumem significado sem paralelo: "Ele ...faz pairar a terra sobre o nada".

A Terra revolve em sua própria órbita ao redor do Sol, percorrendo a cada ano o longo circuito elíptico de 965 milhões de quilômetros – o que significa que viajamos nessa órbita à velocidade de trinta quilômetros por segundo, ou 1.800 quilômetros por hora.

Jó nos convida ainda a meditar sobre "as maravilhas de Deus" (37:14). Considere o Sol. Cada metro quadrado da superfície do Sol emite constantemente um nível de energia de 130 mil cavalos-força (isto é, aproximadamente 450 motores de oito cilindros) em chamas que estão sendo produzidas por uma fonte de energia muito mais potente que carvão.

Os nove grandes planetas no nosso sistema solar distam do Sol entre 57 milhões e cerca de cinco trilhões e oitocentos bilhões de quilômetros; cada um deles gira ao redor do Sol com absoluta precisão, com órbitas que variam entre 88 dias para Mercúrio e 248 anos para Plutão.

Ainda assim o Sol é apenas uma estrela menor nos 100 bilhões de astros que compõem a nossa galáxia, a Via Láctea. Se você fosse capaz de enxergar bem o suficiente, uma moeda de dez centavos estendida à distância de um braço ocultaria quinze milhões de estrelas.

Quando tentamos apreender mentalmente as quase incontáveis estrelas e outros corpos celestes encontrados na nossa Via Láctea, apenas, somos levados a

ecoar o hino de louvor de Isaías ao Todo-Poderoso Criador: "Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força, e forte em poder, nem uma só vem a faltar" (40:26).

Não é de admirar que Davi clame: "Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade. Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador. Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembra? E o filho do homem, que o visites?" (Sl 8:1-4).<sup>11</sup>

A criação revela tanto poder que desconcerta nossa mente e deixa-nos sem palavras. Somos enamorados e encantados pelo poder de Deus. Gaguejamos e hesitamos diante da santidade de Deus. Trememos diante da majestade de Deus... e apesar disso mostramo-nos melindrosos e ressabiados diante do amor de Deus.

Fico estupefato diante da difundida recusa, em nossas terras, em pensar-se grande sobre um Deus amoroso. Como nervosos puros-sangues sendo guiados à linha de partida do Derby de Kentucky, muitos cristãos relinham, escoiceiam e pinoteiam diante da revelação do superabundante amor de Deus em Jesus Cristo.

Em meu ministério como evangelista errante tenho encontrado chocante resistência ao Deus que a Bíblia define como Amor. Os céticos estão entre os acadêmicos untuosos e excessivamente polidos que sugerem discretamente traços da heresia do universalismo a crentalhões ultraconservadores que enxergam apenas o implacável e empoeirado Deus guerreiro do Pentateuco, e insistem em reafirmar as frias demandas de um perfeccionismo infestado de regras.

Nossa resistência ao amor furioso de Deus pode ser traçada de volta à igreja, a nossos pais e pastores e à própria vida. Foram eles, protestamos, que esconderam a face do Deus compassivo em favor de um Deus de santidade, justiça e ira.

No entanto, se fôssemos verdadeiramente homens e mulheres de oração, nossos rostos como pederneira e nosso coração devastado pela paixão, abriríamos mão de nossas desculpas. Pararíamos de colocar a culpa nos outros.

Temos de sair para um deserto de algum tipo (seu quintal serve) e adentrar uma experiência pessoal com o assombroso amor de Deus. Então poderemos concordar com conhecimento de causa, com o místico inglês Julián de Norwich: "A maior honra que podemos dar ao Deus Todo-Poderoso é viver com alegria pelo conhecimento do seu amor". Poderemos entender porque, como observa o *Dicionário teológico do Novo Testamento*, de Kittel, que nos últimos dias de sua vida na ilha de Patmos o apóstolo João escreveu, e escreveu com *majestosa monotonia*, sobre o amor de Jesus Cristo. Como que pela primeira vez, poderemos compreender o que Paulo queria dizer: "Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 5:20,21; ARC).

Da mesma forma que João escreveu, no crepúsculo da vida, apenas sobre o amor de Jesus, Paulo também escreveu abundantemente sobre o evangelho da graça:

- A graça de Deus é a totalidade pelo que homens e mulheres são tornados justos (Rm 3:24; Tt 3:7).
- Pela graça Paulo foi chamado (Gl 1:15).

---

<sup>11</sup> Essa fascinante coleção de dados científicos foi extraída de uma apresentação realizada no Rotary Clube de Sea Island, na Geórgia, em 1978.

- Deus derrama sua gloriosa graça sobre nós em seu Filho (Ef 1:6).
- A graça de Deus foi manifestada para a salvação de todos (Tt2:11).
- A graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Jesus Cristo (1Tm 1:14).
- A graça é depósito ao qual temos acesso através de Jesus Cristo (Rm5:2).
- É um estado ou condição em que nos encontramos (Rm 5:2).
- É recebida em abundância (Rm 5:17).
- A graça de Deus abundou mais que o pecado (Rm 5:15, 20,21;6:1).
- É-nos dada em Cristo (1Co 1:4).
- Paulo não a recebeu em vão (2Co 6:1).
- A superabundante graça de Deus está dentro do cristão
- (2Co 9:14).
- Ela se estende para mais e mais pessoas (2Co 4:15).
- A graça contrasta com as obras, que carecem do poder para salvar; se as obras tivessem esse poder, a realidade da graça seria anulada (Rm 1 1:5ss; Ef 2:5,7ss; 2Tm 1:9).
- A graça contrasta com a Lei. Tanto judeus quanto gentios são salvos pela graça do Senhor Jesus (At 15:11).
- Apegar-se à Lei é anular a graça (Gl 2:21); e quando os gálatas aceitaram a Lei caíram da graça (Gl 5:4).
- O cristão não está debaixo da Lei, mas debaixo da graça (Rm6:14ss).
- A graça contrasta com o que é dívida (Rm 4:4).
- O evangelho, que é a boa nova da graça, pode ele mesmo ser chamado de graça (At 20:24) ou de palavra da graça (At 14:3; 20:32).

Sim, o Deus gracioso encarnado em Jesus Cristo nos *ama*.

A graça é a expressão ativa deste amor. O cristão vive pela graça como filho do Abba, rejeitando por completo o Deus que pega as pessoas de surpresa ao menor sinal de fraqueza – o Deus incapaz de sorrir diante de nossos erros desajeitados, o Deus que não aceita um lugar em nossas festividades humanas, o Deus que diz "você vai pagar por isso", o Deus incapaz de compreender que crianças sempre se sujam e são distraídas, o Deus eternamente bisbilhotando à caça de pecadores.

Ao mesmo tempo, o filho do Pai rejeita o Deus de cores pastéis que promete que nunca vai chover no nosso desfile.

Um pastor que conheço lembra-se de um estudo bíblico de domingo de manhã na sua igreja em que o texto estudado era Gênesis 22. Deus ordena que Abraão tome seu filho Isaque e ofereça-o como sacrifício no monte Moriá.

Depois que o grupo leu a passagem, o pastor esboçou o pano de fundo deste período da história da salvação, mencionando inclusive a predominância do sacrifício de crianças entre os cananitas. O grupo ouvia em embaraçado silêncio.

O pastor então perguntou:

– Mas o que essa história tem a dizer para nós? Um homem de meia-idade falou.

– Vou dizer o que essa história me diz. Decidi que eu e minha família vamos procurar outra igreja.

O pastor ficou perplexo.

– O quê? Mas por quê?

– Porque – respondeu o homem – quando olho para esse Deus, o Deus de Abraão, sinto-me mais próximo do Deus verdadeiro, não esse sofisticado e escrupuloso Deus de Rotary Clube a respeito do qual ficamos tagarelado aqui nas

manhãs de domingo. O Deus de Abraão era capaz de fazer um homem ir pelos ares, de dar e tomar uma criança, de pedir tudo a uma pessoa e ainda querer mais. Quero conhecer esse Deus.

O filho de Deus sabe que a vida tocada pela graça chama-o para viver numa montanha fria e exposta ao vento, não nas planícies aplainadas de uma religião sensata e de meio-termo.

Pois no coração do evangelho da graça o céu escurece, o vento rugir, um jovem sobe um outro monte Moriá em obediência ao Deus implacável que exige tudo. Ao contrário de Abraão, ele carrega nas costas uma cruz, e não lenha para o fogo... como Abraão, em obediência a um Deus selvagem e irrequieto que fará as coisas da sua forma não importe o que custe.

Esse é o Deus do evangelho da graça. Um Deus que, por amor a nós, mandou o único Filho que jamais teve embalado em nossa própria pele. Ele aprendeu a andar, tropeçou e caiu, chorou pedindo leite, transpirou sangue na noite, foi fustigado com um açoite e alvo de cusparadas, foi preso à cruz e morreu sussurrando perdão sobre todos nós.

O Deus do cristão legalista, por outro lado, é com freqüência imprevisível, errático e capaz de toda espécie de preconceito. Quando vemos Deus dessa forma sentimo-nos compelidos a nos envolvermos em alguma espécie de mágica para aplacá-lo. A adoração de domingo torna-se um seguro supersticioso contra os seus caprichos. Esse Deus espera que as pessoas sejam perfeitas e estejam em perpétuo controle de seus sentimentos e emoções. Quando gente esmagada por esse conceito de Deus acaba falhando – como inevitavelmente acontece – ela em geral espera punição. Ela por isso persevera em práticas religiosas ao mesmo tempo em que luta para manter uma imagem oca de um eu perfeito. A luta em si é exaustiva. Os legalistas nunca são capazes de viver à altura das expectativas que projetam em Deus.

Uma mulher casada de Atlanta, com dois filhos pequenos, disse-me recentemente que estava certa de que Deus estava desapontado com ela por não estar "fazendo nada" por ele. Ela contou-me que sentia-se chamada para participar de um ministério de assistência que oferecia um "sopão", mas hesitava em deixar os seus filhos aos cuidados de outra pessoa. Ela ficou chocada quando eu lhe disse que o chamado não provinha de **Deus** mas do seu próprio e arraigado legalismo. Ser uma boa mãe não bastava para ela. No julgamento dela, também não bastava para Deus.

De modo semelhante, uma pessoa que pensa em Deus como um canhão à solta lançando panfletos aleatórios para nos informar sobre quem está no comando irá tornar-se temerosa, egoísta e provavelmente inflexível em suas expectativas a respeito dos outros. Se o seu Deus é uma força cósmica e impessoal, sua religião será necessariamente evasiva e vaga. A imagem de Deus como um brutamontes onipotente que não tolera qualquer intervenção humana cria um estilo de vida rígido governado por leis puritanas e dominadas pelo medo.

Mas a confiança no Deus que ama de forma consistente produz fielmente discípulos livres e confiantes. Um Deus amoroso fomenta um povo amoroso. "O fato de que nossa visão de Deus molda nossa vida em grande parte pode ser uma das razões pelas quais a Escritura atribui tanta importância a buscar conhecê-lo."<sup>12</sup>

Essa verdade é ilustrada pela visão que o profeta Jonas tinha de Deus. Jonas sente-se tão ultrajado quando os ninivitas se convertem depois da sua pregação que deseja morrer. Ele não queria que Deus perdoasse Nínive; queria juízo. Seu nacionalismo estreito tornou impossível para ele apreender o superabundante amor

---

<sup>12</sup> Peter Van BREEMEN. *Certain as the dawn*. Denville: Dimension Books, 1980, p. 13.

de Deus.<sup>13</sup> A mensagem desse livro profético, porém, transcende os limites do profeta. Ele proclama quão bondoso Deus é, a forma como sua compaixão estende-se a cada criatura do seu universo, até mesmo, como diz a última palavra do livro, "aos animais". Todos os homens e mulheres são o povo que recebe o seu cuidado. Todos são chamados a aceitarem o presente extravagante da sua graça, pois aceitação significa simplesmente voltar-se para Deus.

Jonas não conseguiu lidar com isso. Ele perdeu a compostura, ficou furioso quando um pé de mamona que lhe servia de guarda-sol murchou, mas mostrou-se ainda assim disposto a deixar, sem sequer pestanejar, que milhares de pessoas perecessem em sua incredulidade. Ele não era um sujeito mau. Afinal de contas, mostrou-se disposto a dizer adeus ao mundo pelos marinheiros pagãos. Não mau, apenas míope. Deus era o seu Deus, o Deus dos hebreus, aprisionado num único país, um único templo, uma única arca da aliança.

A teologia desse livro sagrado é um toque de trombeta para os israelitas de ambos os testamentos: pensem grande a respeito de Deus. A misericórdia de Deus para com Nínive arrependida, para com Jonas em sua autopiedade, até mesmo para com animais sem entendimento, prepara caminho para o evangelho da graça: Deus é amor.

Ao longo dos anos tenho visto cristãos moldando Deus a sua própria imagem – em todos os casos um Deus assustadoramente pequeno. Alguns católicos ainda crêm que apenas eles se alimentarão dos pastos verdejantes do céu (...) Há o Deus que tem uma afeição particular pela América capitalista e tem em alta conta o viciado em trabalho, e o Deus que ama apenas os pobres e desprivilegiados. Há o Deus que marcha com seus exércitos vitoriosos e o Deus que ama apenas os mansos que oferecem a outra face. Algumas pessoas, como o filho mais velho de Lucas, fazem cara feia e beicinho quando o Pai bota pra quebrar e serve do bom e do melhor para o filho pródigo que gastou o seu último centavo com prostitutas. Alguns, tragicamente, recusam-se a acreditar que Deus possa perdôá-los: "Meu pecado é grande demais".<sup>14</sup>

Esse não é o Deus da graça que "deseja que todos os homens sejam salvos" (1Tm 2:4). Esse não é o Deus encarnado em Jesus e que Mateus veio a conhecer, o Deus que chama pecadores – categoria que, como eu e você sabemos, inclui todo mundo.

Isso me traz à lembrança uma cena maravilhosa do conto "Revelação", de Flannery O'Connor, baseado no último livro da Bíblia. O protagonista é a sra. Turpin, uma mulher farisaica, muito orgulhosa de sua boa disposição, de suas boas obras e de seu senso de decência. Ela tem pouca consideração pelos negros e pelos brancos pobres. Ela odeia os deficientes e os doentes mentais. A noite, na cama, fica se perguntando quem ela seria se não pudesse ter sido ela mesma.

Se Jesus tivesse dito a ela antes de fazê-la: "Há apenas duas vagas disponíveis para você. Você pode ser uma negra ou então uma branca pobre. Qual dessas?", ela teria se retraído e se contorcido antes de finalmente responder: "Tudo bem, faça-me negra então, mas não uma dessas maloqueiras". E ele a teria feito uma mulher negra limpa e asseada, ela mesma numa versão negra.

Bem, um dia a sra. Turpin vai ao consultório médico e vê-se cercada pelo tipo de

<sup>13</sup> Walter J. BUROHARDT, S. J. *Grace on crutches: homilies for fellow travelers*. Nova York: Paulist Press, 1985, p. 101,2.

<sup>14</sup> Id. *Ibid.*, p. 103.

peessoas que ela despreza. De repente uma jovem com acne atravessa a passos largos a sala de espera, golpeia a sra. Turpin com um livro e tenta estrangulá-la. Quando a ordem é finalmente restaurada, a sra. Turpin, como se estivesse aguardando uma revelação, pergunta:

- O que você tem a me dizer?
- Volte para o inferno de onde você veio, sua porca velha! – grita a moça.

A sra. Turpin desaba. O seu mundo fez-se em pedaços. O Deus que ela havia moldado à sua própria imagem, tão satisfeito com a sua piedade, havia desaparecido.

Ela vai para casa e fica em pé no seu quintal olhando para o chiqueiro. E recebe uma visão. Do chat) ergue-se uma ponte brilhante, oscilante e ardente que liga a terra e o céu, e por ela "uma enorme horda de almas subiam barulhentemente rumo ao céu. Havia multidões inteiras de mendigos brancos, limpos pela primeira vez em suas vidas, e grupos de negros trajando roupas brancas, e batalhões de deficientes e de lunáticos gritando, batendo palmas e saltando como sapos" e finalmente uma tribo inteira de gente como ela mesma, "marchando atrás dos outros com grande dignidade, da forma indiscutivelmente ordeira, sensata e respeitável que podia em todas as ocasiões esperar-se deles. Eram os únicos que cantavam afinado. Ainda assim ela podia ver pelas suas expressões chocadas e alteradas que até mesmo as virtudes deles estavam sendo desfeitas".

A história termina com a sra. Turpin voltando a entrar em casa ouvindo apenas "as vozes das almas subindo rumo aos campos estrelados e gritando 'aleluia'" <sup>15</sup>

Talvez haja um traço de sra. Turpin em bastante gente santa. Uma amiga minha disse-me anos atrás que a única coisa que a deixava incomodada a respeito de ir para o céu é que ela não vai poder escolher os que se sentarão a seu lado na mesa no banquete messiânico.

Nossa experiência com o amor incondicional de Deus deve ser moldada pelas Escrituras. A Palavra escrita de Deus deve apoderar-se de nós da mesma forma que a sua Palavra falada apoderou-se de Isaías e de Jeremias, Ezequiel e Oséias; da mesma forma que a Palavra falada de Cristo fascinou Mateus e Maria Madalena, e cativou Simão Pedro e a mulher samaritana.

A Palavra que estudamos tem de ser a Palavra que oramos. Minha experiência pessoal com a incansável ternura de Deus não veio da exegese, de teólogos ou escritores espirituais, mas de ficar sentado imóvel diante da Palavra viva, suplicando que ele me ajudasse a compreender com minha mente e meu coração a sua Palavra escrita. O mero conhecimento acadêmico não pode sozinho revelar-nos o evangelho da graça. Não devemos jamais permitir que a autoridade de livros, instituições ou líderes substitua a autoridade de conhecer Jesus Cristo pessoalmente e diretamente. Quando as visões religiosas de outros se interpõem entre nós e a experiência de primeira mão de Jesus como Cristo, tornamo-nos agentes de viagem pouco convincentes que distribuem sem convicção panfletos para lugares que nunca visitaram.

Em seu famoso sermão de Natal de 1522, Martinho Lutero clamou:

Ah! se Deus permitisse que a minha interpretação e a de todos os outros mestres desaparecessem, e que cada cristão pudesse chegar diretamente à Escritura apenas, e à pura palavra de Deus! Percebe-se já por essa tagarelice minha a incomensurável diferença entre a palavra de Deus e todas as palavras humanas, e como homem algum pode, com todas as suas palavras,

---

<sup>15</sup> Flannery O'CONNOR. *The complete stories*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1971, p. 491. A autora (1925-1964) morreu de um lúpus incurável, e deixou para trás um corpo de ficção, especialmente contos, que tem a estatura de clássicos cristãos. Antes de sua morte ela disse: "Você encontrará Cristo quando estiver preocupado com o sofrimento dos outros, e não com o seu".

adequadamente alcançar e explicar uma única palavra de Deus. Trata-se de uma palavra eterna e deve ser compreendida e meditada com uma mente silenciosa. Ninguém é capaz de compreendê-la a não ser a mente que a contempla em silêncio. Para qualquer um capaz de fazê-lo sem comentário ou interpretação, meus comentários e os de todos os outros não seriam apenas inúteis, mas um estorvo. Vão para a própria Bíblia, caros cristãos, e não permitam que as minhas exposições e as de outros estudiosos sejam mais do que uma ferramenta que capacite a edificar de forma eficaz, de modo que sejamos capazes de compreender, experimentar e habitar a simples e pura palavra de Deus; pois apenas Deus habita em Sião.<sup>16</sup>

O filósofo Jacques Maritain disse certa vez que o ápice do conhecimento não é conceitual mas experiencial: eu sinto Deus. Essa é a promessa das Escrituras: Aquietai-vos e sabeí (experimentem) que eu sou Deus. Minha própria jornada dá testemunho disso. O que quero dizer com isso é que um Deus vivo e amoroso pode fazer e de fato faz a sua presença ser sentida; pode falar e de fato fala conosco no silêncio do nosso coração; pode e de fato nos acolhe e acaricia até que não tenhamos mais qualquer dúvida de que ele está próximo, de que ele está de fato aqui. Tal experiência é pura graça para os pobres, para as crianças e para os pecadores, que são os personagens privilegiados no evangelho da graça. Ela não pode ser extraída à força de Deus. Ele a concede livremente, de fato a concede, e tem concedido a gente como Moisés, Mateus, Roslyn e eu mesmo. Na verdade, não existe ninguém para quem Deus a negue. Disse Inácio de Loyola: "A experiência direta de Deus é de fato graça, e basicamente não há ninguém a quem ela seja recusada".

Em essência, há uma única coisa que Deus pede de nós – que sejamos homens e mulheres de oração, gente que viva perto de Deus, gente para quem Deus seja tudo e para quem Deus seja suficiente. Essa é a raiz da paz. Temos paz quando o Deus gracioso é tudo que buscamos. Quando começamos a buscar qualquer coisa além dele, nós a perdemos. Como disse Merton na última declaração pública antes da sua morte: "Este é o chamado dele para nós: simplesmente sermos gente a quem basta viver perto dele, e renovar o tipo de vida em que essa proximidade é sentida e experimentada".

Houve uma época na minha vida em que eu não sabia coisa alguma a respeito desse Deus gracioso e seu evangelho da graça. Antes do meu encontro com Jesus, minha vida pessoal era marcada por culpa, vergonha, medo, ódio a mim mesmo e, obviamente, baixa auto-estima. Veja, crescendo como católico no final das décadas de 1930, 1940 e 1950, minha preocupação central era o pecado. O pecado estava em todo lugar. Ele nos consumia e dominava nossa consciência.

Havia dois tipos de pecado: o mortal, que era mais sério, e o venial. Cometer um pecado mortal é saber claramente que o que você está prestes a fazer, pensar, querer ou dizer é seriamente errado... e ainda assim fazê-lo, pensá-lo, querê-lo ou dizê-lo da mesma forma. A maior parte das coisas erradas que fazemos encaixa-se na categoria menos ofensiva de pecado venial. Cometer um pecado venial é fazer alguma coisa que não é tão errada assim, ou fazer algo seriamente grave que você não *acha* que é tão errado assim, ou que o seu coração não tem realmente vontade de fazer. Se o seu irmãozinho menor está sendo uma peste e você diz a ele que queria que ele estivesse morto, você cometeu um pecado venial. Se você dá um tiro e o mata, cometeu um pecado mortal.

Embora a diferença entre pecado mortal e venial pareça óbvia, não se engane. Há mais aqui do que parece na superfície. O que é seriamente errado e o que não é?

---

<sup>16</sup> Gerhard EBELING. *Luther, an introduction to his thought*. Philadelphia: Fortress. 1970. p. 45,6.

E quem decide? Eis uma situação que cada católico da minha geração era obrigado a enfrentar rotineiramente: Você está no Yankee Stadium assistindo a um jogo de beisebol numa noite de sexta-feira em junho de 1950. Católicos são proibidos de comer carne às sextas-feiras, sob pena de pecado mortal. Mas você quer um cachorro-quente.

Considerar a possibilidade de comer carne numa sexta-feira é por si mesmo um pecado venial; querer comer é outro. Você nem saiu da poltrona e já pecou duas vezes. E se você acabar mesmo comendo um? Fora o risco de engasgar com a comida proibida e ser punido na mesma hora, você cometeu um pecado mortal ou venial? Bem, se você acha que é mortal, pode ser que seja mesmo mortal; se você acha que é venial, talvez ainda assim seja mortal. Depois de muito refletir, você decide que é venial. Você chama o vendedor de cachorro-quente, tira o dinheiro do bolso e compra um. Este é claramente um ato voluntário. Você acha que pode ir confessar seu pecado ao padre no sábado à noite. Mas espere lá! Um pecado venial não se torna mortal quando você o comete deliberadamente? É um risco que você está correndo. E se você esqueceu que é sexta-feira? Nesse caso, comer o cachorro-quente talvez não seja pecado, mas esquecer que é sexta-feira é. E se você lembrar que é sexta-feira quando estiver na metade do cachorro-quente? Será um pecado venial terminá-lo? E se você jogar o resto fora, não é desperdício de comida? Em cinco minutos você já cometeu pecados suficientes para mantê-lo no purgatório por um milhão de anos. A coisa mais simples a fazer é não arriscar – fique longe do Yankee Stadium às sextas-feiras.

Ser católico naqueles dias significava uma luta para evitar o pecado, quer fosse mortal ou venial. Ao mesmo tempo em que você não queria ir para o inferno, não queria também apodrecer no purgatório. É melhor evitar riscos. Ponderar cada pensamento, palavra, ação, desejo e omissão. Concluir que tudo que você tem vontade de fazer é pecado.<sup>17</sup>

Em retrospecto, embora muito de tudo isso pareça hilariante, os sentimentos de culpa e de vergonha eram terrivelmente reais. Numa noite de verão de junho de 1947 cheguei à puberdade. Comecei a explorar meu corpo no chuveiro e, pela primeira vez, ele formigou em resposta. Masturbei-me, entrei em pânico, enfiei as roupas mesmo antes de me enxugar e corri para a igreja local, onde confessei meu pecado. O padre trovejou:

– Você fez *o quê*? Você sabia que pode ir para o inferno por isso?

A voz dele retumbou pela igreja repleta. Fui para casa sentindo-me humilhado e assustado. (Desde então, tenho conhecido muitos confessores gentis, sábios e compassivos, e os afetuosos ventos da primavera têm soprado na Igreja Católica depois de um longo e gélido inverno.)

Ao longo dos anos a consciência crescente da graça radical produziu profundas mudanças em minha percepção de mim mesmo. A justificação pela graça mediante a fé significa que sou aceito por Deus como sou. Quando minha mente é iluminada e meu coração penetrado por essa verdade, posso aceitar-me *como sou*. A auto-aceitação genuína não deriva do poder do pensamento positivo, de jogos mentais ou da psicologia popular. *E operação da fé* no Deus da graça.

Por diversas vezes durante meu ministério as pessoas têm expressado o temor de que essa auto-aceitação irá abortar o processo de conversão em andamento e conduzir a uma vida de ociosidade espiritual e frouxidão moral. Nada poderia estar mais longe da verdade. A aceitação do eu não implica em resignar-se com o estado de coisas. Ao contrário, quanto mais plenamente aceitamos a nós mesmos, mais começamos a crescer de forma bem-sucedida. O amor é um estímulo muito superior

---

<sup>17</sup> Jeff STONE, et al. *Growing up catholic*. Nova York: Doubleday, 1984, p. 15.6.

à ameaça e à pressão.

Certa santa costumava dizer que era o tipo de mulher que avança mais rapidamente quando atraída pelo amor do que conduzida pelo medo. Ela era, no entanto, perspicaz o bastante para saber que somos, todos nós, esse tipo de pessoa. É possível alcançar-se grande santidade de vida ao mesmo tempo em que nos mantemos tendendo a mesquinha e insinceridade, sensualidade e inveja, mas o primeiro passo será sempre reconhecer que sou assim. Em termos de crescimento espiritual, a convicção-fé de que Deus aceita-me como sou é um tremendo incentivo para que eu melhore.<sup>18</sup>

Quando nos aceitamos pelo que somos diminui em nós a fome de poder e da aceitação dos outros, porque nossa intimidade conosco reforça-nos o senso de segurança. Deixamos de nos preocupar em ser poderosos ou populares. Deixamos de temer as críticas, porque aceitamos a realidade de nossas limitações humanas. Uma vez integrados, é com menos frequência que somos assaltados pelo desejo de agradar os outros, simplesmente porque ser verdadeiros conosco produz paz duradoura. Somos gratos pela vida e nos amamos e nos apreciamos a nós mesmos em profundidade.

Este capítulo começou com um hino de louvor ao poder de Deus manifesto nas obras da criação. O evangelho da graça elimina qualquer aparente dicotomia entre o poder de Deus e o seu amor, pois a obra de criação é um ato de amor. O Deus que lançou das pontas dos seus dedos este universo repleto de galáxias e estrelas, pingüins e mergulhões, gaivotas e pelicanos, pomerânios e poodles, elefantes e sempre-verdes, papagaios e carunchos, pêssegos e peras e um mundo repleto de filhos feitos à sua própria imagem, é o Deus que ama com majestosa monotonia.

Qualquer um que tenha experimentado o amor do Senhor da Dança poderá lhe dizer: monótono não é sinônimo de *tedioso*.

---

<sup>18</sup> Van BREEMEN. OP. cit, p. 61.

# O EVANGELHO MALTRAPILHO

Depois de ler o evangelho de Lucas inteiro pela primeira vez, certa adolescente disse: "Oba! Tipo, Jesus rinha uma tremenda queda radical por maltrapilhos!"

Essa jovem chegou a uma conclusão importante. Jesus gastava uma porção disparatada de tempo com gente que é descrita nos Evangelhos como sendo: pobres, cegos, coxos, leprosos, famintos, pecadores, prostitutas, cobradores de impostos, perseguidos, marginalizados, cativos, possuídos por espíritos imundos, todos os oprimidos e sobrecarregados, a ralé que não tem qualquer conhecimento da lei, multidões, pequeninos, menores, últimos e ovelhas perdidas da casa de Israel. Resumindo, Jesus vivia constantemente com os maltrapilhos. Obviamente o seu amor pelos fracassados e insignificantes não era um amor exclusivo — isso meramente substituiria um preconceito de classe por outro. Ele se relacionava com afeto e compaixão com gente das classes média e alta não por causa das suas conexões familiares, respaldo financeiro, inteligência ou presença na coluna social, mas porque eles também eram filhos de Deus. Embora nos Evangelhos o termo *pobre* englobe todos os oprimidos que dependem da misericórdia de outros, ele estende-se também àqueles que confiam inteiramente na misericórdia de Deus e aceitam o evangelho da graça — os pobres de espírito (Mt 5:3).

A preferência de Jesus por gente de menor envergadura e sua parcialidade em favor dos maltrapilhos é fato irrefutável na narrativa do Evangelho. Como disse o filósofo francês Maurice Blondel: "Se você quer realmente compreender um homem, não apenas ouça o que ele diz, mas observe o que ele faz".

Um dos mistérios da tradição do evangelho é essa estranha atração de Jesus pelos que não tinham nada de atraente, esse estranho desejo pelos que não eram em nada desejáveis, esse estranho amor pelos que não tinham nada de amável. A chave desse mistério é, naturalmente, Abba. Jesus faz o que ele vê o Pai fazendo, ele ama aqueles que o Pai ama.<sup>19</sup>

Em sua resposta à pergunta dos discípulos sobre quem é o maior no reino dos céus (Mt 18:1), Jesus aboliu qualquer distinção entre a elite e a ralé na comunidade cristã.

E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.

Mateus 18:2-4

Jesus vai ao cerne da questão quando faz a criança sentar-se em seu colo. Ela não tem consciência de si mesma, é incapaz de fingir. Lembro-me da noite em que o pequeno John Dyer, com três anos de idade, bateu na nossa porta flanqueado pelos seus pais. Olhei para baixo e disse:

---

<sup>19</sup> Donald R GRAY. *Jesus, the way to freedom*. Winona: St. Mary's College, 1979, p. 38. Essa pérola de 72 paginase erudita porém facilmente assimilável. Ela respira o ar do evangelho da graça. A visão que Gray tem de Jesus é como chuva refrescante sobre terra seca, Altamente recomendado.

— Ei, John. Que bom ver você.

Ele não olhou nem para a esquerda nem para a direita. Seu rosto estava rígido como uma pedra. Ele cerrou os olhos com o cintilar apocalíptico de uma arma apontada.

— Onde estão os biscoitos? — ele exigiu.

O Reino pertence a pessoas que não estão tentando fazer gênero nem impressionar ninguém, muito menos elas mesmas. Elas não estão planejando o que podem fazer para chamar atenção para si mesmas, não estão se preocupando com a forma como os seus atos serão interpretados ou perguntando-se se ganharão estrelas douradas pelo seu comportamento. Vinte séculos depois, Jesus fala incisivamente ao asceta presunçoso preso ao narcisismo fatal do perfeccionismo espiritual, àqueles de nós pegos em flagrante vangloriando-se de suas vitórias na vinha, àqueles de nós que choramingam e pavoneiam suas fraquezas humanas e defeitos de caráter. A criança não tem de lutar para alcançar uma posição de onde poderá relacionar-se favoravelmente com Deus; ela não tem de projetar modos engenhosos de explicar a sua posição para Jesus; ela não tem de criar um rosto aceitável para si mesma; ela não tem de atingir qualquer estado de sentimento espiritual ou de compreensão intelectual. Tudo que ela tem de fazer é aceitar com alegria os biscoitos: a dádiva do Reino.

Quando Jesus nos diz para nos tornarmos como criancinhas, ele está nos convidando a esquecer o que ficou para trás. O pequeno John Dyer não tem passado. O que quer que tenhamos feito no passado, seja bom ou mau, grande ou pequeno, é irrelevante para a nossa condição diante de Deus hoje. E apenas *agora* que estamos na presença de Deus.

O significado de viver em fidelidade ao momento presente, sem retroceder ao passado ou antecipar o futuro, é maravilhosamente ilustrado pela história de um monge que estava sendo perseguido por um tigre feroz. Ele correu até a beirada de um despenhadeiro, olhou para trás e viu o tigre rugindo e pronto para dar o bote. O monge então notou uma corda que pendia da beira do precipício. Ele agarrou-a depressa e começou a descer a lateral do despenhadeiro agarrado na corda, para escapar das garras do tigre. Que alívio! Essa foi por pouco. Ele então olhou para baixo e enxergou uma imensa extensão de rochas pontiagudas aguardando 150 metros abaixo. Ele olhou para cima e viu o tigre a postos no alto do precipício com as garras à mostra. Nesse exato momento dois camundongos começaram a roer a corda. O que fazer?

O monge viu um morango que se estendia ao alcance da sua mão da face do despenhadeiro. Ele colheu-o, comeu e exclamou: "Que delícia; esse é o melhor morango que já comi na vida". Se ele estivesse preocupado com as rochas abaixo (o futuro) ou com o tigre acima (o passado), teria perdido o morango que Deus estava lhe dando no momento presente. Crianças não se concentram nos tigres do passado ou nas pedras do futuro, mas apenas no morango que está *aqui e agora*.

O apóstolo Paulo captou em toda a sua extensão o significado do ensino de Jesus de tornar-se como uma criancinha. Servindo como porta-casacos durante o apedrejamento de Estêvão e como líder-chave na chacina dos cristãos, Paulo poderia muito bem ter se tornado um caso patológico se tivesse se concentrado no seu passado pré-cristão. Ele, porém, escreve: "Uma coisa eu faço: esqueço aquilo que fica para trás e avanço para o que está na minha frente" (Fp 3:13; NTLH).

Quaisquer realizações do passado que possam ter nos trazido honra, quaisquer desgraças passadas que nos façam corar de vergonha, foram todas crucificadas com Cristo e não existem mais exceto nos recessos da eternidade, onde "o bem é exaltado em glória e o mal é misteriosamente estabelecido como parte de um bem

maior".<sup>20</sup>

Se queremos captar em toda a sua força o ensino de Jesus aqui, é importante que lembremos a atitude judaica com relação às crianças na Palestina do primeiro século. Hoje em dia, nossa tendência é idealizar a infância como a feliz idade da inocência, da despreocupação e da fé singela, mas no tempo do Novo Testamento as crianças não eram consideradas de qualquer importância e mereciam pouca atenção ou favor. "Crianças naquela sociedade não tinham status algum — simplesmente não contavam".<sup>21</sup> A criança era encarada com escárnio.

Para o discípulo de Jesus, "tornar-se como uma criancinha" significava a disposição de aceitar-se como sendo de pouca monta e ser considerado sem importância. A criancinha que é a imagem do reino é símbolo daqueles que ocupam as posições mais inferiores na sociedade, os pobres e oprimidos, os mendigos, as prostitutas e os cobradores de impostos — as pessoas que Jesus com frequência chamava de "pequeninos" e de "últimos". A preocupação de Jesus era que esses pequeninos não deveriam ser desprezados ou tratados como inferiores. "Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos" (Mt 18:10). Ele estava muito consciente dos sentimentos de vergonha e de inferioridade deles, e por causa da sua compaixão eles eram, a seus olhos, de valor extraordinariamente grande. No que lhe dizia respeito, eles não tinham nada a temer. O reino era deles. "Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino" (Lc 12:32).

Jesus concedia a esses desdenhados pequeninos um lugar privilegiado no reino e apresentava-os como modelos a seus candidatos a discípulos. Eles deveriam aceitar o reino do mesmo modo que uma criança aceita sua mesada. Se as crianças eram privilegiadas, não era porque haviam feito de modo a merecer privilégio, mas simplesmente porque Deus agradou-se desses pequeninos que os adultos desprezavam. A misericórdia de Jesus fluía em direção a eles apenas por graça imerecida e divina preferência.

O hino de júbilo registrado em Lucas remete ao mesmo tema: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado".

Os escribas eram tratados com deferência excessiva na sociedade judaica devido a sua instrução e conhecimento. Todos os honravam por causa de sua sabedoria e inteligência. Os "pequeninos" (grego *napioi*, que significa criança de colo) eram a figura usada por Jesus para referir-se aos ignorantes e sem instrução.<sup>22</sup> Ele está dizendo que o evangelho da graça foi revelado a e apreendido pelos incultos e ignorantes em vez dos sábios e inteligentes. Por essa razão Jesus dá graças a Deus.

Os bebês de colo (*napioi*) estão na mesma condição das crianças (*paidia*). A graça de Deus recai sobre elas porque são criaturas insignificantes, não por causa de suas boas qualidades. Embora possam conscientizar-se de sua irrelevância, isso não significa que lhes serão concedidas revelações. Jesus atribui expressamente a felicidade deles ao bom prazer do Pai, a *eudokia* divina. As dádivas não são determinadas pela menor qualidade ou virtude pessoal.

São pura liberalidade. De uma vez por todas, Jesus desfere um golpe mortal em qualquer distinção entre a elite e o povo comum na comunidade cristã.

Uma luz adicional é lançada sobre o evangelho maltrapilho pelo privilégio do pecador. Como já mencionei, Jesus está sentado à mesa na casa de Levi. Os

---

<sup>20</sup> Simon TUGWELL. *The beatitudes: Soundings in Christian traditions*. Springfield: Tenthlegate Publishers, 1980, p- 7. Em minha opinião, das miríades de livros escritos sobre as bem-aventuranças, nenhum supera a profundidade e a sabedoria do livro de Tugwell.

<sup>21</sup> Albert NOLAN. *Jesus before Christianity*. Maryknoll: Orbis Books, 1978, p. 56. Nolan apresenta um retrato de Jesus antes de ser colocado no relicário das doutrinas, do dogma e do ritual. Um livrinho valioso e cativante.

<sup>22</sup> Id. *ibid.*, p. 23.

escribas e fariseus apoquentam-no por associar-se a maltrapilhos. Jesus diz a eles: "Vim chamar os pecadores, não os justos".

Os pecadores aos quais Jesus direcionou o seu ministério messiânico não eram aqueles que escapam das devocionais matinais ou faltam à igreja no domingo. Seu ministério era com aqueles que a sociedade considerava pecadores *de verdade*. Eles não tinham feito coisa alguma para merecer a salvação, ainda assim abriam o coração para a dádiva oferecida a eles. Por outro lado, os fariseus colocavam sua confiança nas obras da Lei e fechavam-se para a mensagem da graça.

Mas a salvação que Jesus trazia não podia ser conquistada com esforço. Não teria como haver qualquer barganha com Deus numa atmosfera mesquinha de mesa de pôquer: "Eu fiz isso, agora você me faz aquilo". Jesus destrói por completo a noção jurídica de que nossas obras merecem qualquer pagamento em troca. Nossas insignificantes obras não nos dão o direito de regatear com Deus. Tudo depende do seu bom prazer.

Lembro-me de uma carta enviada muitos anos atrás ao editor de uma revista nacional evangélica por um sacerdote católico envolvido ativamente no ministério evangelístico. Ele protestava veementemente contra a foto e a reportagem de capa sobre Francis MacNutt, também um sacerdote católico com um ministério de cura ao redor do mundo. MacNutt havia se casado recentemente. A carta exigia saber por que um artigo anterior a respeito dele (o autor da carta) havia sido relegado ao final da revista, e sem uma fotografia. Ele havia permanecido celibatário ao longo de todos esses anos e havia recebido tratamento de segunda classe, enquanto a MacNutt, que havia desobedecido ao papa e abandonado a batina, havia-se atribuído *status* de superastro. O autor da carta considerava a coisa toda grosseiramente injusta.

Minha esposa, Roslyn, leu essa carta e observou: "Ecos do irmão mais velho do filho pródigo".

Entretanto, esse definido desconforto diante do evangelho maltrapilho não está confinado a uma única tradição cristã. Dentro de toda denominação e persuasão não-denominacional os cristãos estão tentando conquistar o favor de Deus mergulhando num maior número de atividades espirituais, multiplicando altares e sacrifícios, fazendo contribuições de caridade, dilatando o tempo de oração formal e envolvendo-se num maior número de organizações relacionadas à igreja.

E necessário um cuidadoso discernimento aqui. A evidência em favor de disposição, sinceridade e esforço é considerável. O modo de vida cristão é pio, adequado e correto. O que então está faltando?

Ele ou ela não se renderam ainda à graça de Cristo.

O perigo em nossas boas obras, investimentos espirituais e em todo o resto é de que podemos construir uma imagem de nós mesmos em que acabamos estabelecendo o nosso valor próprio. A complacência conosco substitui então o puro deleite do amor incondicional de Deus. Nosso esforço transforma-se na ruína do evangelho maltrapilho.

Em lugar algum do Novo Testamento a posição privilegiada dos fracassados, dos zés-ninguém e dos desclassificados à margem da sociedade é revelada de forma mais dramática do que no ministério de Jesus de compartilhar refeições com eles.

Hoje em dia é praticamente impossível avaliarmos o escândalo representado pela comunhão de Jesus à mesa com pecadores. "No ano de 1925, se um abastado fazendeiro de Atlanta estendesse um convite formal para que quatro escravos negros colhedores de algodão comparecessem à sua mansão para um jantar de domingo, precedido por coquetéis e seguido por longas horas de conversa regada a

conhaque, a aristocracia da Geórgia ficaria profundamente chocada, o estado vizinho de Alabama ficaria furioso e a Ku Klux Klan exasperada. Há sessenta ou setenta anos no sul dos Estados Unidos, o sistema de castas era inviolável, a discriminação social e racial inflexível e a indiscrição tornava a perda de reputação inevitável".<sup>23</sup>

No judaísmo da Palestina do primeiro século o sistema de classes era colocado em vigor à risca. Era legalmente proibido misturar-se com pecadores à margem da lei: sentar-se à mesa com mendigos, cobradores de impostos (traidores da causa nacional, porque coletavam impostos do seu próprio povo *para* Roma, a fim de ganharem uma comissão) e prostitutas era tabu religioso, social e cultural.

Infelizmente, o significado do compartilhar de refeições está em grande parte perdido na comunidade cristã dos nossos dias. No Oriente Médio, compartilhar de uma refeição com alguém é uma garantia de paz, confiança, fraternidade e perdão: a mesa compartilhada representa a vida compartilhada. Para um judeu ortodoxo, dizer "gostaria de jantar com você" é uma metáfora que implica em "gostaria de iniciar uma amizade com você". Até mesmo hoje, um judeu americano compartilhará sem problemas com você de um café com rosquinhas, mas estender um convite para jantar equivale a dizer: "Venha para meu *mikdash me-at*, o santuário em miniatura da mesa da minha sala de jantar, onde celebraremos a mais sagrada e bela experiência que a vida proporciona – a amizade". Foi isso o que Zaqueu ouviu quando Jesus chamou-o a descer do sicômoro, e é por isso que as companhias com que Jesus compartilhava as suas refeições provocaram comentários hostis desde o primeiro momento do seu ministério.

Não escapou à atenção dos fariseus a intenção de Jesus de manter amizade com a ralé. Ele não estava apenas violando a lei, estava destruindo a própria estrutura da sociedade judaica. "Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que ele se hospedara com homem pecador" (Lc 19:7). Mas Zaqueu, não tão preocupado com a respeitabilidade, transbordou de alegria.

"Seria impossível subestimar o impacto que essas refeições devem ter tido sobre os pobres e os pecadores. Aceitando-os como amigos e como iguais Jesus havia removido a vergonha, a humilhação e a culpa deles. Ao demonstrar que eles importavam para ele como pessoas, ele concedeu a eles um senso de dignidade e libertou-os do seu antigo cativo. O contato físico que ele deve ter tido com eles à mesa (Jo 1 3:25) e que ele obviamente nunca sonharia em condenar (Lc 7:38,39) deve tê-los feito sentirem-se limpos e respeitáveis. Além disso, porque Jesus era visto como um homem de Deus e como profeta, eles teriam interpretado o seu gesto de amizade como a aprovação de Deus sobre eles. Agora, eram aceitáveis diante de Deus. Sua pecaminosidade, ignorância e impureza haviam sido deixadas de lado e não eram mais levadas em conta contra eles".<sup>24</sup>

Através da comunhão à mesa Jesus ritualmente traduziu em ação a sua percepção do amor indiscriminado do Abba – um amor que leva seu Sol a erguer-se sobre tanto maus quanto bons, e sua chuva a cair sem distinção sobre honestos e desonestos (Mt 5:45). A inclusão de pecadores na comunidade da salvação, simbolizada na comunhão à mesa, é a expressão mais dramática do evangelho maltrapilha e do amor misericordioso do Deus redentor.

Uma pesquisa bíblica meticulosa indica que Jesus tinha residência em Cafarnaum, ou que pelo menos compartilhava de uma com Pedro, André e suas famílias. Sem dúvida, em seu ministério como evangelista itinerante, Jesus com freqüência dormiu à beira da estrada ou na casa de amigos. "O Filho do Homem não

<sup>23</sup> Brennan MANNING. *A stranger to self-hatred*. Denville: Dimension Books, 1983, p. 47.

<sup>24</sup> NOLAN. Op. cit., p. 39.

tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8:20). Talvez tenhamos, no entanto, tomado essa declaração de modo literal demais. "Fica difícil entender de que forma Jesus podia ser acusado de receber pecadores (Lc 15:2) se ele não tinha alguma espécie de casa onde fazê-lo".<sup>25</sup>

Como voltava para casa de suas viagens missionárias, Jesus provavelmente tinha alguma espécie de residência semipermanente onde agia com frequência como anfitrião. O compartilhar de refeições ocorria com tamanha regularidade que Jesus era acusado de ser beberrão e glutão (Lc 7:34). A lista de convidados incluía um desfile mulambento de vendedores ignorantes, prostitutas, guardadores de gado, senhores de cortiço e jogadores.

Hoje em dia, aqueles que buscam *status* são muito seletivos quanto aos que convidam para jantar, e entregam-se a elaborados preparativos (linho, porcelana, prata, flores, um requintado *Beaujolais*, molho de trufas, pato de Long Island flambado com framboesa, *petit gateau* por sobremesa e assim por diante) a fim de impressionarem as pessoas com quem querem ter um bom relacionamento. Eles aguardam ansiosamente o correio da manhã para verem se seu convite para jantar foi retribuído.

De forma consciente ou não, os impertinentes sociais de nossos dias não subestimam o poder ritual da refeição compartilhada. Os convidados pecadores de Jesus estavam muito conscientes de que a comunhão à mesa envolvia mais do que mera polidez ou cortesia. Ela significava paz, aceitação, reconciliação e irmandade. "Para Jesus, essa comunhão à mesa com aqueles que os devotos haviam descartado não era meramente expressão de uma tolerância liberal e de um sentimento humanitário. Era a expressão de sua missão e de sua mensagem: paz e reconciliação para todos, sem exceção, até mesmo para os fracassados morais".<sup>26</sup>

O retrato de Jesus traçado pelos evangelhos é de alguém que abraçava a vida e especialmente as outras pessoas como dádivas amorosas das mãos do Pai. As figuras periféricas com quem Jesus se deparava no seu ministério reagiam de diversas formas a sua pessoa e sua mensagem, porém poucos respondiam com melancolia ou tristeza (e esses eram os, como o jovem rico, que rejeitavam a sua mensagem). A presença viva de Jesus despertava alegria e libertava as pessoas. A alegria era, na verdade, o resultado mais característico de todo o seu ministério junto aos maltrapilhos.

"Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram alguns e lhe perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar (Mc 2:18,19).

Jesus se banqueteara enquanto João jejuava. Enquanto o chamado de João à conversão estava essencialmente ligado a práticas penitenciais, o chamado de Jesus está fundamentalmente associado a ser companheiro de mesa, a comer e beber com Jesus, em quem a atitude misericordiosa de Deus para com os pecadores é manifestada. Partir o pão com Jesus era uma celebração festiva de bom companheirismo na qual havia salvação. O ascetismo não era apenas impróprio mas impensável na presença do Noivo.

Essa passagem notável ilumina o encanto extraordinário projetado pelo Carpinteiro-Messias. Os maltrapilhos descobriam que compartilhar de uma refeição com ele era uma experiência liberadora de puro júbilo. Ele os libertava da autodepreciação, exortava-os a não confundirem sua percepção de si mesmos com

<sup>25</sup> NOLAN. Op. cit., p. 56.

<sup>26</sup> Edward SCHILLEBEECKX. *Jesus: an experiment in Christology*. Nova York: Seabury Press, 1976, p. 165.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Evangelho Maltrapilho"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).